

# O USO DO OLHAR NO ENVELOPE MULTIMODAL DE DÍADES MÃE-BEBÊ: A CLASSIFICAÇÃO DE TOMASELLO

M.Sc. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega (CCHE-UEPB)

[pvletras@yahoo.com.br](mailto:pvletras@yahoo.com.br)

Dra. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (PROLING-UFPB)

[marianne.cavalcante@gmail.com](mailto:marianne.cavalcante@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Os estudos realizados sobre a interação do adulto com o infante nem sempre são condizentes com os mesmos resultados, principalmente no que dizem respeito à cognição infantil. Alguns aspectos do que conhecemos como cognição (percepção, compreensão, intencionalidade) e elementos que envolvem a interação do adulto com a criança serão aqui apresentados para percebermos isso. Nosso foco primordial será a respeito do que conhecemos como atenção conjunta. Referimo-nos a este termo baseados nos postulados de Tomasello (2003, p. 85), autor que mostra a compreensão que as crianças têm ainda pequenas dos outros como seres intencionais. Além disso, as crianças pequenas também possuem a capacidade de interagir com outros sujeitos e ao mesmo tempo manipularem objetos ou entidades externas (ambientes).

Nosso aporte teórico ainda se baseia em Legerstee (1992), Legerstee e Markova (2007) e Liskowski, Carpenter e Tomasello (2008) quanto a estudos sobre a interação com o infante; a respeito de multimodalidade nos baseamos em postulados de McNeill (1985).

Diante dessa exposição o nosso objetivo é fazer um contraponto entre a classificação da atenção expressa pelo olhar em díades mãe-bebê proposta por Tomasello (2003) e dados de aquisição de linguagem constituídos pelo uso do Envelope Multimodal em cenas de atenção conjunta. Este Envelope caracteriza-se pela emergência concomitante de três elementos da interação mãe-bebê (olhar, gestos e produção vocal).

O autor propõe o surgimento de três tipos de atenção que se veiculam pelo olhar: atenção de verificação, acompanhamento e atenção direta. Com esse nosso trabalho, mostraremos que podem existir outras situações e intencionalidades do uso desse olhar, de acordo com os recortes dos nossos dados.

Para isso, selecionamos 04 cenas de atenção conjunta de duas díades<sup>1</sup>, dos 07 aos 17 meses de vida do infante. Os nossos resultados mostram que crianças adquirem uma língua por meio do uso do Envelope Multimodal exclusivamente quando inseridas em contextos de atenção conjunta.

---

<sup>1</sup> Esses dados fazem parte do acervo de filmagens de díades mãe-bebê do LAFE: Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita, coordenado pelas professoras Dra. Marianne Cavalcante e Dra. Evangelina Faria, na Universidade Federal da Paraíba, *campus I*.

## 1 ESTUDOS SOBRE INTERAÇÃO COM OS INFANTES

Antes de chegarmos à discussão propriamente dita do nosso artigo iniciaremos com alguns recortes de estudos sobre interação com bebês. Propomos que a criança compartilha significações em trocas comunicativas com o outro em situações de interação em que a atenção conjunta se revela como seu *lócus* primordial.

Segundo Morato (2005, p.316) a primeira noção de interação traz consigo a ideia “de ação conjunta (seja conflituosa, seja cooperativa) que coloca em cena dois ou mais indivíduos sob certas circunstâncias que em muito explicam seu próprio decurso”. Sem dúvidas a interação perpassa um *lócus* apenas. Por isso, trazemos outras noções de interação que vão além da ideia de apenas ação conjunta. Bakhtin, por exemplo, afirmou que a interação vai além do sistema abstrato da língua, ou de formas monológicas e isoladas, mas envolve contextos sociais diversos de interação verbal (BAKHTIN, 2006, p. 123).

Os estudos em Aquisição de Linguagem propuseram vários momentos da concepção de interação. Cavalcante e Naslavsky (2009, p. 188), por exemplo, fizeram um panorama desses estudos e apontam que o foco das primeiras pesquisas era a fala isolada da mãe e da criança. Isso criou a noção de díade que emergia a partir de diálogos dos coparticipantes. Aqui a criança construiria sua língua a partir de sua inserção nas rotinas comunicativas da mãe. Outra vertente propôs uma noção em que o adulto tornava-se intérprete do bebê, já que esse adulto possuía uma instância de língua constituída.

Nossa fundamentação para interação baseia-se em Cavalcante e Naslavsky (2009, p. 197) quando propõem a noção de matriz relacional. Os autores afirmam que a díade mãe-bebê possui um elevado grau de interdependência, então deve ser vista enquanto unidade. Isso não implica perpetuar uma simbiose mãe-bebê, pois transformações ocorrem ao longo do tempo nesta dialogia que permitirão a passagem da matriz mãe-bebê para a interação entre a mãe e o bebê, processo em que o acontecimento da subjetivação é evidenciado.

Sendo assim, a noção de língua que trazemos não ocupa apenas o lugar do verbal, muito menos apenas do não-verbal. A multimodalidade entre os elementos presentes na interação é que constitui a noção de língua. A instância de língua por nós proposta só tem seu espaço ao emergirem as cenas de atenção conjunta para partilha de intenções que podem acontecer entre dois sujeitos apenas, ou dois sujeitos com a inserção de uma terceira entidade (sujeito, objeto ou ambiente).

No que concerne ainda sobre a cognição e compreensão infantil, alguns autores foram utilizados com a finalidade de expormos a importância de pesquisas no âmbito do que concebemos como atenção conjunta. Iniciamos citando Legerstee (1992, p. 59) que explorou a ideia de que crianças têm consciência sobre os atributos que distinguem as pessoas de objetos. Até mesmo crianças com dois meses de idade tratam as pessoas e objetos diferentemente. A autora sugere que as crianças reconhecem a distinção crucial entre as duas classes: animado e inanimado e que um sistema conceitual começa a ser formado do nascimento em seguida. Este sistema conceitual serve como uma propriedade que ajuda a distinguir objetos inanimados dos seres sociais. Em estudos sobre interações entre crianças com suas mães durante situações naturais em que as mães ficavam com a face imóvel usando máscaras ou com a face com movimentos naturais, Legerstee e Markova (2007, p. 232) verificaram que as respostas dos movimentos das crianças eram significativamente diferentes para objetos socializados e

os não socializados, assim como para a mãe usando máscara ou expressando movimentos naturais.

Moll e Tomasello (2007, p. 309) investigaram crianças de 14 e 18 meses ao observarem um adulto que manipulava objetos e depois deixava a sala em que os objetos e a criança encontravam-se. O infante brincava com um terceiro objeto enquanto o adulto estava fora. O adulto interagiu com os dois objetos da experiência de três formas: a) compartilhando com a criança em uma cena de atenção conjunta; b) manipulando o objeto enquanto a criança assistia como espectadora e c) sendo espectadores assistindo aos infantes brincarem com o objeto sem fazer interferências. Os infantes de ambas as idades sabiam qual objeto tinha sido manipulado pelo adulto na condição de atenção conjunta, apenas os de 18 meses distinguiram na condição de engajamento individual e infantes de nenhuma idade foram capazes de distinguir na condição apenas de espectador. Estes resultados sugerem a capacidade cognitiva de relação com objetos e distinção destes baseados em situações triádicas.

Os resultados mostraram que os infantes não sabem apenas o que os outros estão fazendo, o que estão olhando, mas o que os outros conhecem a respeito do objeto manipulado, ou se estão familiarizados com eles.

Para os autores as crianças em seu segundo ano de vida são mais capazes e habilidosas do que os primatas em atividades de colaboração e cooperação na comunicação. A diferença é devido ao fato de as crianças serem adaptadas biologicamente para envolvimento com interações sociais e compartilhamentos de intencionalidades.

Outro estudo acerca da compreensão das crianças em relação à intenção de adultos em momentos de atenção conjunta foi realizado com bebês de 12 meses por Liszkowski, Carpenter e Tomasello (2008, p. 732). Nessa pesquisa, os autores objetivaram analisar se por volta dos 12 meses os bebês já tinham capacidade de ajudar os adultos que perdiam um objeto, ou seja, adultos que não sabiam a localização desse objeto, e adultos que tinham a consciência da localização do objeto. Os resultados mostraram que as crianças apontavam mais para o objeto em situações nas quais percebia que o adulto não sabia onde encontrar, do que em situações nas quais percebia que o adulto tinha visto onde o objeto caiu e assim tinha consciência de sua localização.

Pesquisas como as apontadas acima mostram que o complexo processo cognitivo para cooperação não necessariamente emerge no mesmo momento em que emerge a fala propriamente dita.

### **1.1 O uso do termo *atenção conjunta* por Tomasello**

Estudos de Tomasello (2003, p. 77-91) mostram que a competência cognitiva para compreender os coespecíficos como seres intencionais surge por volta dos 09 meses de idade, mas só amadurece a partir do momento em que a criança usa ativamente ferramentas culturais (a linguagem) que essa compreensão lhe permite dominar.

Entre 09 e 12 meses, de acordo com o autor, os bebês começam a se envolver em um processo de novos comportamentos devido a uma revolução na forma de compreender seu entorno social. Aos 09 meses esses bebês realizam uma série de comportamentos de atenção conjunta que parecem indicar que há uma emergência na compreensão de outros como seres intencionais. Interessante ressaltar que nesse momento as relações com entidades externas (objetos, ambientes, situações) podem ser acompanhadas, dirigidas ou compartilhadas.

Assim, o termo *atenção conjunta* surge nos estudos do autor e é usado para indicar o conjunto de comportamentos que são triádicos, o envolvimento da coordenação do bebê na sua interação com objetos e pessoas, que resulta em um triângulo referencial – criança, adulto e objeto ou evento.

No início desse período o protótipo do esquema de interação triádica envolve o acompanhamento do olhar do bebê para o mesmo local direcionado pelo olhar do adulto; o envolvimento conjunto relativamente longo de interação com o adulto e objeto; e o bebê usa os adultos como pontos de referência social e ações semelhantes às deles sobre objetos.

Ainda nesse período os bebês começam a dirigir a atenção dos seus cuidadores para entidades exteriores usando gestos dêiticos como apontar para objetos ou segurá-los para mostrá-los ao parceiro interativo. Os gestos dêiticos usados nessas situações podem ser imperativos (tentativas de fazer com que o adulto faça algo com relação a um objeto ou entidade) e declarativos (tentativas de fazer com que o adulto apenas mostre atenção para um objeto ou entidade). Essas ações têm por finalidade estabelecer a sintonia da atenção conjunta.

Esses estudos realizados pelo autor mostraram a questão do desenvolvimento sociocognitivo infantil quanto à atenção conjunta com 24 crianças dos 09 aos 15 meses de idade. As observações duraram quatro meses e envolviam oito passos diferentes, como, por exemplo, envolvimento conjunto, acompanhamento do olhar, acompanhamento do ato de apontar, imitação de atos instrumentais, imitação de atos arbitrários, resposta a obstáculos sociais, uso de gestos imperativos, uso de gestos declarativos.

Os resultados mais importantes para o nosso contexto foram que individualmente consideradas, cada uma das oito capacidades manifestou-se na maioria das crianças nas idades analisadas e todas essas aptidões apresentaram-se num desenvolvimento sincrônico semelhante em cada criança.

## **1.2 O olhar: A classificação de Tomasello**

Destaque-se um fato importante nessa pesquisa do autor: das 24 crianças, um grupo de 20 delas realizou ações de atenção conjunta em uma hierarquia de execução de acordo com a faixa etária mostrada. Com essa experiência podemos classificar pelo menos três tipos de atenção que são executadas pelos sujeitos da interação apenas com o uso do olhar:

- na primeira situação, dos 09 aos 12 meses, as crianças executaram tarefas de compartilhar/verificar a atenção do adulto bem próximo (simplesmente olhar para o adulto durante envolvimento conjunto) – *olhar de atenção de verificação*;
- a segunda etapa, dos 11 aos 14 meses, envolvia tarefas que exigiam o acompanhamento da atenção que o adulto dirigia a entidades externas mais distantes – *olhar de atenção de acompanhamento*;
- a última situação, dos 13 aos 15 meses, envolvia tarefas que exigiam direcionar a atenção do adulto para entidades externas (apontar para que o adulto olhasse para uma entidade distal) – *olhar de atenção direta*.

A justificativa para essas três situações é que para a primeira tarefa exigia-se apenas que a criança olhasse para o rosto do adulto, ou seja, era necessário apenas ter noção de que o adulto estava presente e prestando atenção. As outras tarefas exigiam que a criança mirasse precisamente para o fim que prendia a atenção do adulto, ou seja, envolviam a capacidade de compreensão daquela.

Os resultados mostraram que praticamente em todas as crianças as habilidades envolvidas no contexto de atenção conjunta manifestaram-se de modo moderadamente relacionado, com um padrão de ordem altamente coerente em todas as crianças, o que reflete os diferentes níveis de especificidades na atenção conjunta exigida.

Em nossas análises mostraremos que as habilidades do olhar que emergem em tais contextos de interação podem variar. Por exemplo:

- Tomasello usou a classificação apenas para as crianças de suas experiências; nós a ampliaremos ao uso do olhar pelo bebê e pela mãe;
- a atenção de verificação continua sendo estabelecida quando um olhar for direcionado sem correspondência do interactante;
- já a atenção de acompanhamento normalmente é sempre usada pela mãe por ter mais maturidade na interação e sempre dirigir-se à criança diretamente (no caso de nossos recortes);
- a atenção direta será classificada quando ambos os parceiros interativos usarem gestos distais ou proximais. O gesto distal é visto como o apontar convencional (dedo indicador estendido ao objetivo); já o gesto proximal (mostrar) pode significar um tipo de apontar como estender a mão em direção ao interactante para solicitar algo, mostrar algo diretamente ao parceiro, tocar no parceiro etc.

## **2 O ENVELOPE MULTIMODAL**

Para entendermos a classificação das habilidades de atenção executadas pelo olhar dos sujeitos da interação, e para compreendermos como se dá a emergência da língua enquanto instância multimodal descrevemos o nosso objeto de estudo.

O Envelope Multimodal é caracterizado por três elementos da dialogia: o olhar, os gestos e a produção vocal. Essas ações não podem ser observadas isoladamente, pois emergem concomitantemente. Dessa forma, acreditamos que a língua não se constitui por um elemento isolado, mas pela mescla deles.

No que se refere à classificação das intencionalidades do olhar, buscamos suporte em Tomasello e, como dito anteriormente, trataremos disso nos dados de maneira diferenciada. A respeito dos gestos, são aqui classificados conforme o modelo de Kendon (1982). Mas por questão de espaço, nos deteremos apenas ao primeiro elemento.

O Envelope é composto por uma coluna à esquerda apresentando os planos de composição e (a mescla dos elementos da dialogia); a coluna do meio revela o uso multimodal da língua pela mãe e a coluna da direita o uso multimodal do bebê. Em cada

uma das ilustrações também se pode ver a idade dos bebês e o tempo em que as ações ocorreram.

## 2.1 Análises dos Envelopes: Díades B e C

Para as nossas análises serão apresentadas 04 sessões de interação em contexto de atenção conjunta. A primeira díade é constituída por um menino, do qual expomos sessões nas quais ele tem 07 meses e 06 dias e 17 meses e 13 dias. Já a segunda díade apresenta uma menina em cujas sessões se apresenta com 07 meses e 09 dias e 17 meses.

Apesar de não termos espaço para analisar toda a mescla dos elementos da dialogia no Envelope, eles se apresentam em destaque para que possamos observá-los emergindo ao mesmo tempo em que os demais, como forma de corroborarmos a discussão a respeito da língua sendo classificada como instância multimodal.

### Envelope Multimodal 1

<b>Envelope multimodal Díade B – 07 meses e 06 dias</b>		
<b>Planos de composição</b>	<b>Mãe</b>	<b>Criança</b>
<b>Olhar</b>	03:08 a mãe está dando banho no bebê. Ela coloca o bebê de costas para a câmera, segurando com a mão esquerda e com a mão direita ela coloca a chupeta na boca dele. (atenção de acompanhamento)	03:08 o bebê observa a mãe colocar a chupeta em sua boca. (atenção de acompanhamento)
	04:40 a mãe - que está fora do foco - segura com a mão direita um frasco na frente da criança, (atenção direta – imperativo)	04:40 observa e depois recebe da mãe, (atenção de acompanhamento) segurando com ambas as mãos (atenção direta)
<b>Gestos</b>	03:08 a mãe está dando banho no bebê. Ela coloca o bebê de costas para a câmera, segurando com a mão esquerda e com a mão direita ela coloca a chupeta na boca dele. (emblema)	
	04:40 a mãe - que está fora do foco - segura com a mão direita um frasco na frente da criança, (emblema)	04:40 observa e depois recebe da mãe, segurando com ambas as mãos. (emblema)
<b>Produção vocal</b>	03:08 // olhi// psiu // tomi sua petinha //	
	04:40 tomi	

Observando da esquerda para a direita, e iniciando com as ações maternas, vemos que em 03:08 acontece a produção vocal (//olhi//psiu//tomi sua petinha//) concomitante à *atenção de acompanhamento* no instante em que a mãe prontifica-se a colocar a chupeta na boca do bebê estabelecendo um olhar face a face.

O bebê, por sua vez, acompanha a ação materna, mas ainda não executou nenhum gesto nem produção vocal. O gesto emblemático do infante mostra-se em 04:40 quando recebe o frasco apresentado pela mãe como um gesto proximal (mostrar) que pode ser interpretado como uma *atenção direta* com um “apontar imperativo”. O bebê direciona um *olhar de acompanhamento* à ação materna que é seguida da produção “tomi”. Os termos “apontar imperativo” e “apontar declarativo” são utilizados de maneira diferente de Tomasello.

Tomasello (2003) classifica os dois tipos de apontar de maneira clássica como o estender do dedo com o objetivo de que o adulto faça algo para a criança, ou com o objetivo de apenas mostrar algo ao adulto. Além disso, o autor em seus experimentos analisa apenas o apontar da criança. Nessa sessão aplicamos ao apontar materno também. Para nós, ações como “tocar em algo ou no parceiro”, “abrir a mão pedindo ou entregando algo”, dentre outros, dependendo do contexto, serão consideradas como tipos de apontar, pois carregam o significado de querer que o interactante faça algo (imperativo) ou o significado de apenas mostrar algo (declarativo).

Assim, classificamos essas ações maternas como multimodais à medida que emergem ao mesmo instante estabelecendo a sequência: olhar - colocar a chupeta na boca do bebê - produzir *tomi sua petinha* (olhar, gesto, produção vocal). A instância multimodal do bebê é vista com a mescla de: observa a mãe – segura a chupeta com as duas mãos (olhar, gesto).

#### Envelope Multimodal 2

<b>Envelope multimodal Díade B – 17 meses e 13 dias</b>		
<b>Planos de composição</b>	<b>Mãe</b>	<b>Criança</b>
<b>Olhar</b>	13:57 a mãe está sentada na cadeira. O olhar dela está para o bebê ( <i>atenção de acompanhamento</i> )  A mãe abre os braços esperando que o bebê jogue a bola sobre ela	13:57 olha para câmera. ( <i>atenção de verificação</i> ) depois que a mãe fala, ele vai até o quarto. O bebê joga a bola no chão; mantém o olhar para a bola. ( <i>atenção de acompanhamento</i> ) a criança pega a bola com as duas mãos e vai na direção da mãe, suspendendo os braços com a bola ( <i>atenção direta</i> )
<b>Gestos</b>	13:57 a mãe abre os braços esperando que o bebê jogue a bola sobre ela) ( <i>pantomima</i> )	13:57 o bebê joga a bola no chão; ( <i>pantomima</i> ) mantém o olhar a bola.
<b>Produção vocal</b>	13:57 //vã pegã sua bola pra brincã vã// // vem ninhu // achô? // //eita qui bola linda// joga pra mainha //	13:57 // achô //

O recorte em questão (13:57) foi tirado de uma sessão em que a díade encontra-se na sala da casa, e a mãe pede para o bebê ir buscar uma bola no quarto para brincarem. A mãe encontrava-se sentada em uma cadeira e a criança, ao ouvir o pedido materno, logo se levanta do chão e olha para a câmera estabelecendo um *olhar de verificação*, pois apenas olha para constatar que o adulto está presente.

Logo a criança volta do quarto e corresponde à voz materna “vem ninhu achô?” com uma produção vocal (achô). Ambos os parceiros promovem a *atenção de acompanhamento* e a ação gestual de pantomima por simularem um jogo ao lançarem a bola um para o outro.

Assim, vimos que tanto a mãe quanto o bebê estabelecem a *atenção de acompanhamento*, o que difere da postulação sobre o mesmo tema por Tomasello. Além disso, o bebê produz a *atenção direta* quando levanta a bola e chama a atenção da mãe ao mostra-la o objeto em correspondência ao pedido inicial da mãe para que procurasse a bola no quarto. Além disso, o bebê, nesse contexto de atenção conjunta, interage com a ação de jogar e pegar a bola.

A multimodalidade está em 13:57 quando a mãe mescla as seguintes ações: olha para o bebê – abre os braços – produz *joga pra mainha* (olhar, gesto, produção vocal). O bebê interage usando a multimodalidade quando em 13:57: olha para a bola – joga a bola – produz *acho* (olhar, gesto, produção vocal).

Os próximos Envelopes dizem respeito à interação da díade C:

#### Envelope Multimodal 3

Envelope Multimodal Díade C – 07 meses e 09 dias		
Planos de composição	Mãe	Criança
Olhar	mãe aponta com o dedo indicador na frente do bebê (atenção de acompanhamento)	Bebê olha para a mãe. (atenção de acompanhamento)
	mãe balança a chupeta na frente do bebê. (atenção direta - declarativo)	Bebê olha para a câmera. (atenção de verificação)
Gestos	mãe aponta com o dedo indicador na frente do bebê. (emblema)	13:57 o bebê joga a bola no chão; (pantomima) mantém o olhar a bola.
	mãe balança a chupeta na frente do bebê. (gesticulação)	
Produção vocal	Geovânia é u seu nomi viu!	Balbucia
	cadê a chupeta? Cadê a chupeta? Oh. Naum minha fia é para olhar para qui pra chupeta	

O Envelope dos 07 meses da díade C é constituído por recortes de uma cena que se passou com a díade sentada na cama estabelecendo a dialogia com alguns elementos como a chupeta, um papel, a câmera e uma caixa.



A mãe inicia insistindo para que o bebê olhe para ela, pois até então permanece apenas olhando para uma caixa e para a câmera. A mãe chama a criança com outro nome “Geovânia é u seu nomi viu!” o que logo recebe a correspondência do infante com um balbucio. Enquanto a mãe produz o primeiro recorte de fala estabelece a *atenção de acompanhamento* por dirigir-se diretamente à criança, que por sua vez retribui a atenção também com um *olhar de acompanhamento*. Aqui já percebemos que a classificação de Tomasello recebe um novo olhar.

O esquema multimodal nesse primeiro exemplo se dá conforme emergem as ações maternas: olha para o bebê-aponta com o indicador-produz *Geovânia é u seu nomi!* (olhar, gesto, produção vocal). Já no que se refere ao bebê o esquema se dá com a emergência de: olha para a mãe-balbucia (olhar e produção vocal).

O segundo recorte mostra a produção vocal materna “cadê a chupeta? Cadê a chupeta? Oh” que é seguido da gesticulação de balançar o objeto diante do bebê, o que também é classificado como *atenção direta* com um tipo de “apontar” declarativo, pois a mãe está mostrando algo ao parceiro. O bebê, no entanto, apenas olha para a câmera estabelecendo a *atenção de verificação*, pois nenhum dos dois parceiros dirigiu-se à câmera durante esses turnos de fala. Como a criança não olhou para o gesto materno, outra produção é dirigida “Naum minha fia é para olhar para qui pra chupeta” completando esse tempo da cena de atenção conjunta ainda estabelecendo a *atenção direta* ao tentar mostrar o objeto ao bebê.

#### Envelope Multimodal 4

Envelope Multimodal Díade C – 17 meses		
Planos de Composição	Mãe	Criança
<b>Olhar</b>	3:28 enquanto a mãe canta, o bebê se balança para um lado e para o outro. Mãe e bebê estão se olhando (atenção de acompanhamento)	3:28 enquanto a mãe canta, o bebê se balança para um lado e para o outro. Mãe e bebê estão se olhando (atenção de acompanhamento)
<b>Gestos</b>	3:28 mãe imita tocar um violão, (pantomima)	3:28 o bebê com o braço direito imita um violão passando pelo corpo. (pantomima)
<b>Produção Vocal</b>	3:28 pai Franciscu entrô na roda tocandu seu violão/Balam bam bam/veim di lá seu delegadu, pai Franciscu foi pra prisão/	

A sessão dos 17 meses é iniciada, a princípio, sem a presença da mãe. Apenas a criança encontra-se no quarto interagindo com quem está filmando. Em seguida, a mãe entra no quarto e inicia a interação com a criança.

O contexto do tempo dos 3:28 é enriquecido com músicas infantis, danças e gestos representativos da performance musical. Algumas canções são produzidas como “pai Francisco entrou na roda”, “caranguejo não é peixe”, “fui na Espanha buscar o meu chapéu” e “atirei o pau no gato”.

Ao iniciar a canção “pai Francisco entrou na roda” a mãe estabelece a *atenção de acompanhamento* por introduzir o tópico do discurso. A pantomima de tocar violão (item componente da música) é executada tanto pela mãe quanto pela criança que também corresponde às ações maternas com a *atenção de acompanhamento*.

Percebemos também que ao promoverem a atenção conjunta com a pantomima do toque do violão passando os braços pela frente do corpo ambos os sujeitos estabelecem a *atenção direta*, pois chamam a atenção do parceiro com esse tipo de gesto, o que mais uma vez se apresenta como outra interpretação da pesquisa de Tomasello.

## CONSIDERAÇÕES

Os contextos de atenção conjunta nas sessões analisadas das duas díades eram enriquecidos com vários elementos que promoviam a interação triádica, como por exemplo: bola, músicas, danças, livro, revistas, fotografias, cesto de brinquedos etc. A emergência do uso de três tipos de olhares que promovem a atenção (verificação, acompanhamento, direta) foi percebida a partir dos 07 meses das duas crianças, além de serem observadas as ações gestuais dos emblemas, pantomima e gesticulação concomitantes às produções vocais de ambos os parceiros interativos em cada cena.

É importante ressaltar que, na maioria dos tempos das sessões, a mãe é a responsável por iniciar a dialogia, o que não implica dizer que o bebê nas idades observadas não se colocasse como autor de ações gestuais ou produções vocais acompanhadas pelo olhar.

Com as análises desse artigo, mesmo rápidas por falta de espaço, pudemos apresentar outra interpretação da interação da díade no que se refere aos contextos de atenção conjunta publicados por Tomasello. Além de apenas classificar as habilidades de atenção apenas para as crianças, não pensou outros gestos como sendo indicadores de atenção direta, uma vez que na relação mãe-bebê as ações de tocar no parceiro ou mostrar-lhe algo podem ser interpretadas como um apontar considerado proximal.

Esse tipo de estudo é relevante para pesquisadores na área de Aquisição de Linguagem, uma vez que dá margem a percepções dos significados de outras ações na dialogia mãe-bebê em contextos de atenção conjunta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- CAVALCANTE, M. C. B.; NASLAVSKY, J. P. N. A matriz inicial da subjetividade tendo como *locus* a dialogia do/no manhês. In: LYRA, M. C. D. P., GARVEY, A. P., SILVA, M. (orgs.) *Microgênese: estudo do processo de mudança*. Porto Alegre: ArtMed, 2009. 178-214.
- KENDON, A. The study of gesture: some observations on its history. *Recherches Semiotique/Semiotic Inquiry*. 1982, 2 (1) 25-62.
- LEGERSTEE, M. A review of the animate-inanimate distinction in infancy: implications of models of social and cognitive knowing. *Early Development and Parenting*. Vol 1(2). 1992. 59-67.
- MARKOVA, G. Intentions make a difference: infant responses to still-face and modified still-face conditions. *Infant Behavior and Development*. 30. 2007. 232-250.
- LISZKOWSKI, U., CARPENTER, M., TOMASELLO, M. twelve-month-olds communicate helpfully and appropriately for knowledgeable and ignorant partners. *Cognition*. 108. 2008. 732-739.

- MCNEILL, D. So you think gestures are nonverbal? *Psychological Review*. Vol 92 (3). 1985. 350-371.
- MOLL, H., TOMASELLO, M. How 14 and 18-month-olds know what others have experienced. *Developmental Psychology*. Vol 43, No 2. 2007. 309-317.
- MORATO, E. M. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIN, F., BENTES, A. C. (orgs.) *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. Vol. 3. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005. 311-352.
- TOMASELLO, M. *Origens culturais do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.